

AGORA

Mercado. O drama dos ambulantes do Asa Branca

Semanário Agora
25 De Abril de 2014

Quem ganha a vida no mercado não tem sossego, nem mesmo lugar para expor os seus produtos. Os vendedores exigem soluções imediatas da administração que mais parece estar com as 'mãos atadas'



O mercado informal é em grande parte exercido por mulheres que sustentam famílias

Os vendedores do Asa Branca, no Cazenga, ouvidos pelo Agora, mostram-se preocupados com a falta de espaço neste mercado e garantem que, muitas vezes, não têm onde colocar à venda os seus produtos, por falta de bancadas.

Face a esta situação, muitos abandonam o mercado para comercializar os seus produtos à beira da estrada, junto do lixo, colocando a sua vida e dos consumidores em risco.

A vendedora Luísa Bessa disse que muitos dos seus colegas procuram alternativas à beira da estrada e fazem-

no por falta de espaço no interior do mercado.

"A realidade é muito triste. Temos de dividir uma bancada por quatro pessoas, algo que não acontece noutros mercados", explicou Bessa, que trabalha há mais de 15 anos no Asa Branca.

O mercado foi criado para acolher perto de 1300 vendedores, havendo, actualmente, mais de 4000 cadastrados a comercializarem fora deste espaço, uma vez que alegam que o administrador do mercado criou algumas boutiques de roupa no interior da praça, deixando

pouco espaço de manobra para os vendedores.

Entre estes estão pessoas provenientes do antigo Rock Santeiro, do Catintom e do mercado do Bonga Bonga, Por seu lado Maria Femando, vendedora há mais de 20 anos, no mesmo mercado, diz que a situação no Asa Branca não é das melhores. Ela sente-se agastada com a administração do Cazenga por nada fazer para melhorar o problema.

"Somos viúvas, temos filhos para sustentar; não sabemos onde vamos vender. A única coisa que os fiscais sabem fazer é pedir dinheiro aos vendedores. Com este tipo de comportamento não sei como é que este país vai caminhar", insurge-se Maria Femando, acrescentando que "é necessário que a administração do Cazenga faça alguma coisa".

VENDA NO LIXO. Um dos problemas mais graves que a reportagem do Agora consta-o tou tem que ver com a venda de alimentos como peixe, carne fresca ou legumes ao lado do lixo, num ambiente de moscas e água pútrida, representando este cenário um claro perigo para os consumidores.

O trânsito caótico e a poluição sonora são também elementos que levam ao estado degradado da conhecida 6ª avenida do Cazenga, adjacente ao mercado do Asa Branca.

Segundo os relatos de alguns moradores, a venda não autorizada influenciou a desordem e o aumento do lixo, prejudicando severamente a qualidade de vida da população.

Edvaldo Bravo, morador do Cazenga, explicou que o mercado a céu aberto foi criado desde o momento em que os

fiscais da administração começaram a correr com as senhoras.

"Nós temos acompanhado tudo desde o princípio. Este mercado foi mal construído e o seu administrador preferiu colocar boutiques de roupa no interior. É triste. Aqui no Asa Branca há senhoras que vendem há mais de 20 anos", frisou, sublinhando que as vendedoras "não têm culpa do surgimento do mercado na rua".

O FIM DA VENDAAMBULANTE. Em declarações à RNA, José Tavares, presidente da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda (CACL), alertou que, a partir do pretérito dia 8 não mais seria permitido que alguém vendesse fora dos mercados.

O responsável fez saber ainda, que existem mercados em todos os municípios e distritos e, em caso de falta de vagas, as administrações estão orientadas a indicar os locais para a realização das feiras itinerantes.

"Aquele que for encontrado a vender na rua, será em primeiro lugar orientado a abandonar o espaço e se não fizer vai ver os seus produtos recolhidos pela Polícia Económica e pela nossa Fiscalização", avisou.

O mesmo explicou que os vendedores interpretaram de forma errada a mensagem do governador Bento Bento, numa reunião realizada no pavilhão da Cidadela Desportiva.

"A orientação existente é para não vender na rua mas sim nos mercados construídos e colocados à disposição pelo Estado para a venda de produtos. Por outro lado, onde não houver mercados, as administrações municipais e distritais devem criar espaços para fazer feiras e possibilitar que os nossos munícipes possam fazer a venda dos seus produtos de forma organizada e limpa", explicou o presidente da

Comissão Administrativa da Cidade de Luanda.

O Agora tentou contactar o administrador do mercado, mas esse esforço não teve êxito. Fomos

informados pela administradora adjunta, Reça Ngueve, que tanto ela como o seu superior hierárquico só podem falar á comunicação social mediante autorização do administrador municipal do Cazenga, Tany Narciso.

Texto: GASPAR FAUSTINO